



Divulgação científica e cartilhas digitais: discursos sobre informação

Science dissemination and digital booklets: discourses on information

DOI 10.20396/lil.v27i00.8676414

Marcus Menezes
UESC

Resumo

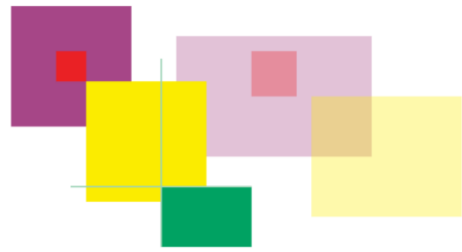
No presente texto, a partir da Análise de Discurso materialista, analiso o funcionamento discursivo de cartilhas digitais sobre a COVID-19 em relação aos discursos sobre informação. Nessa perspectiva, tomo o que é dito e como é dito, investigando, assim, a cartilha digital enquanto uma forma material (Orlandi, 1994). Analiso, então, um arquivo (Pêcheux, 2014a; Barbosa Filho, 2022) montado com diferentes cartilhas projetadas para diferentes leitores virtuais (Orlandi, 2012). As análises indicam um discurso da necessidade (Baalbaki, 2014) de informação, que visa constituir o leitor da cartilha em uma posição-sujeito que se informa, compartilha o que é lido e checa as fontes das informações. A informação é significada em relação ao combate à discriminação na saúde. Além disso, é possível compreender o funcionamento das cartilhas digitais como divulgação científica (DC). Isso põe em questão o sentido logicamente estabilizado de DC em relação ao jornalismo científico (JC).

Palavras-chave: Cartilha, Divulgação científica, Informação.

Abstract

In this article, based on materialist Discourse Analysis, I analyze the discursive functioning of digital booklets on COVID-19 in relation to discourses on information. From this perspective, I look at what is said and how it is said, investigating the digital booklet as a material form (Orlandi, 1994). I then analyze an archive (Pêcheux, 2014a; Barbosa Filho, 2022) made up of different booklets projected for different virtual readers (Orlandi, 2012). The analysis indicates a discourse of the need (Baalbaki, 2014) for information, which aims to constitute the reader of the booklet in a subject-position that is informed, shares what is read, and checks the sources of the information. Information is signified in relation to combating discrimination in health. In addition, it is possible to understand the functioning of the digital booklets as scientific dissemination (SD). This calls into question the logically stabilized meaning of CD in relation to science journalism (SJ).

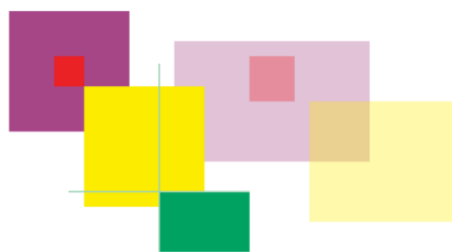
Keywords: Booklet; Science Dissemination, Information.



Introdução

Uma cartilha da Secretaria Nacional para as Mulheres (2020, p. 20), intitulada Mulheres na COVID-19, textualiza o enunciado “Informação salva vidas!”, que, a meu ver, é uma interessante formulação que nos indica uma importância, ou melhor, uma necessidade, de informar e também de ser informado. Essa necessidade de produzir determinados materiais informativos é sustentada, direta ou indiretamente, por políticas públicas que estabelecem em suas diretrizes e em seus objetivos a necessidade de produção e divulgação de informação. Neste texto, analiso o funcionamento discursivo de cartilhas digitais sobre a COVID-19, interessado na circulação dos discursos sobre informação e no modo como as informações são formuladas. Apresentarei como o modo de formular as cartilhas digitais em análise põe em questão o sentido logicamente estabilizado de divulgação científica (DC) em relação ao jornalismo científico (JC). Em consequência, isso permite investigar a cartilha digital enquanto uma forma material (Orlandi, 1994), em que é preciso tomar aquilo que é dito e como aquilo é dito. Ou seja, não a trato aqui como uma forma abstrata em que forma e conteúdo são separados.

Este é um trabalho em que analiso um arquivo (Pêcheux, 2014a; Barbosa Filho, 2022) montado com cartilhas digitais sobre a COVID-19 para diferentes leitores virtuais (Orlandi, 2012), isto é, para aqueles que são projetados como possíveis leitores. Arquivo aqui não é entendido como um repositório de informações, como uma posição historiográfica pode entender. Em uma posição discursiva, trabalho o arquivo em relação a ele mesmo, como “trabalho da memória histórica em perpétuo confronto consigo mesma” (Pêcheux, 2014a, p. 59). Isso significa que um trabalho de leitura de arquivo permite pôr em relação diferentes documentos ou, no caso em questão, diferentes cartilhas, que, mesmo não sendo ligadas diretamente, possibilita que sejam identificadas regularidades. Os gestos de leitura visam triturar o efeito de unidade que uma cartilha produz. Como se fosse um documento singular. Quando, na verdade, as formulações que nela estão escritas apontam, de modo inevitável, para outras formulações que são silenciadas, negadas, parafraseadas, etc. (Barbosa Filho, 2022).



Em outros textos (Menezes, 2023a; 2023b), situei, de maneira mais aprofundada, que a cartilha digital é deslizada da cartilha de alfabetização¹. Trata-se de um instrumento linguístico² (Auroux, 2014) que desliza para um instrumento regulatório da vida em sociedade (Silva, 2014). Em nível de descrição, as cartilhas digitais sobre a COVID-19 textualizam dicas, orientações e estratégias em relação aos cuidados na pandemia do vírus, iniciada em 2020 e responsável por ceifar mais de 700 mil vidas no Brasil³. Diante desses materiais, identifico que, de modo regular, comparecem formulações como “Gostou do material? Compartilhe! Informação salva vidas!” (Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres, 2020, p. 20), “A informação é a melhor forma de prevenção” (Ministério da Saúde, 2020, n.p) e “Disseminar conhecimento ajuda a combater o preconceito!” (Gomes et al., 2020, p. 29). Esses diferentes enunciados são de diferentes cartilhas e projetadas para diferentes leitores, como mulheres, população geral e pessoas LGBT+.

O que parece estar em cena aqui é um excesso, o qual consiste em reiterar incessantemente “determinados saberes interdiscursivos que tomam formas diferentes no intradiscorso, mas mantêm os mesmos pressupostos ideológicos com vistas ao estabelecimento” (Ernst-Pereira, 2009, [n.p]). Um excesso de formulações em relação à informação que retoma sentidos pelo interdiscorso, aquilo que Pêcheux define como “um corpo sócio-histórico de traços discursivos que constitui o espaço da memória da sequência” (Pêcheux, 2015a, p. 145). E essa retomada dá-se no intradiscorso, ou seja, na formulação, no dito.

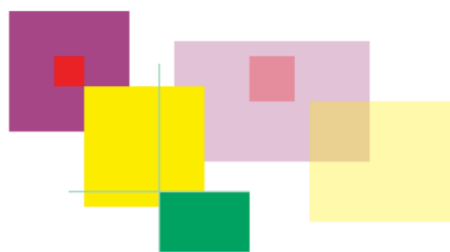
Como discutirei nas análises, essa reiteração incessante sobre informação aparenta produzir um discurso da necessidade (Baalbaki, 2014) de informação que visa constituir o leitor virtual da cartilha em uma posição-sujeito que se informa e que compartilha o que é lido. E que, pelas nossas condições de produção atuais⁴, abre espaço para tomar os efeitos das informações falsas.

¹ Para uma leitura mais atenciosa sobre essa questão, sugiro ler Silva (2014) e Silva e Pfeiffer (2014) e Menezes (2023a).

² Para uma leitura mais atenciosa sobre essa questão, sugiro ler Silva (2014) e Silva e Pfeiffer (2014) e Menezes (2023a).

³ Disponível em: <https://covid.saude.gov.br>. Acesso em 29 mar. 2024.

⁴ Conforme Michel Pêcheux (1997, p. 77, grifos do autor) discute que “um discurso é sempre pronunciado a partir de *condições de produção* dadas”.



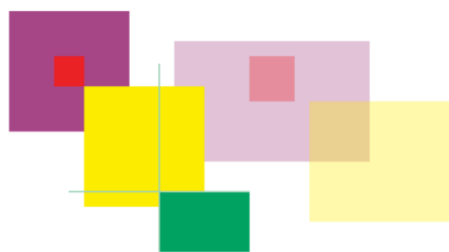
Fechando esse preâmbulo, gostaria de expor dois pontos: 1) o que apresento nesta pesquisa nos diz sobre o funcionamento discursivo de um material que projeta informações para determinados leitores em uma circulação no digital. Isso, irremediavelmente, provoca uma reflexão sobre o diferencial entre uma cartilha impressa e uma cartilha digital e 2) além dos gestos analíticos de diferentes materiais, o que se segue concerne à cartilha digital enquanto divulgação científica⁵.

Uma compreensão discursiva acerca da divulgação científica

Anteriormente, apontei que tomo neste estudo o deslizamento de cartilha de alfabetização para a cartilha digital. Segundo Silva (2014), isso ocorre por uma perda de credibilidade do saber escolar e seus instrumentos linguísticos com o desenvolvimento da ciência e das tecnologias. Nesse contexto, a cartilha, enquanto uma forma oriunda da escola, circula diferentes conhecimentos fora do espaço escolar. Pensemos, por exemplo, que, com o uso de tecnologias, uma cartilha digital, diferente da impressa, pode alcançar mais leitores, sobretudo pela possibilidade de compartilhamento em massa do material.

Compreendo que essa formulação e circulação de diferentes conhecimentos, aqui no caso, conhecimento da/sobre saúde, funcionam como divulgação científica. De início, essa postulação pode causar um estranhamento, como aquilo “que se situa fora do que está sendo dito” (Ernst-Pereira, 2009, [n.p], grifo da autora), pois, nas nossas condições de produção, há uma relação de sentidos estabilizada entre a DC e o jornalismo científico. Guimarães (2009) descreve dois modos de circulação do conhecimento científico. Primeiro, uma circulação dos especialistas para especialistas e, segundo, uma circulação que tem a população em geral como leitor virtual. No funcionamento do jornalismo científico, são textualizadas de modo regular formulações como: “Pesquisadores do Duke-NUS Medical School, em Cingapura,

⁵ Não dedico neste texto uma seção para apresentar o que uma posição positivista chamaria de metodologia. E isso se justifica pela Análise de Discurso materialista não ser uma metodologia, e sim uma teoria que articula língua, sujeito e história, assim como não há uma metodologia prévia ao objeto analisado. A teoria não antecede o objeto. É o objeto que demanda quais questões devem ser mobilizadas. Isso não significa que não há procedimentos analíticos que podem ser seguidos. No meu fazer de analista, ora parto do linguístico para compreender o discursivo ou do discursivo para compreender o linguístico. Saliento também que, em AD materialista, não separamos os momentos de teoria e análise. O que fazemos é um batimento constante entre teoria e análise. Desse modo, os conceitos teóricos e analíticos aparecem ao longo do trabalho.



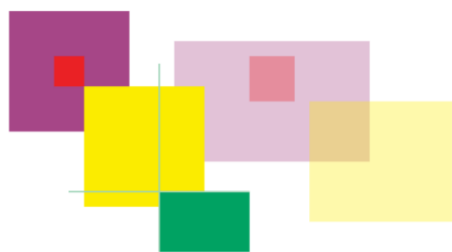
descobriram seis anticorpos capazes de agir contra as variantes do coronavírus”⁶. Veremos que a cartilha digital não funciona dessa maneira, mesmo quando a tomo como DC.

Como pode, então, uma materialidade como a cartilha digital, que é diferente de uma revista científica, funcionar como divulgação científica? Para essa compreensão, descrevo duas formas de significar a DC. Por um lado, Authier-Revuz (1998) descreve a DC como uma tradução e reformulação do discurso dos cientistas para o leitor não especializado. Nesse processo, a autora entende que se trata de duas línguas diferentes e, por isso, há operações de tradução, como “X disse/acaba de dizer/diz que os genes são...” (Authier-Revuz, 1998, p. 110), semelhante à formulação que exemplifiquei mais acima. Por outro lado, Orlandi (2022, p. 155) entende que “o discurso da divulgação científica não é uma soma de discursos: ciência mais jornalismo igual divulgação científica (C+J=DC)”. Trata-se, na verdade, da interpretação de uma ordem de discurso (científico) que produz interpretação em outra ordem de discurso (jornalístico). E é nessa posição teórica que me inscrevo.

Observo, entretanto, que essa leitura de Orlandi (2022) ainda centraliza o jornalismo científico na divulgação científica. O que reforça isso é a postulação da autora de que “o discurso de divulgação científica é a textualização jornalística do discurso científico” (Orlandi, 2022, p. 155, grifos da autora). Na leitura da autora sobre DC, o que é primordial para este estudo é que o discurso da divulgação científica desloca o conhecimento científico para informação científica. Assim, a produção científica é noticiada. Esse é um dos sintomas que me leva a descrever a cartilha digital como divulgação científica, mas que funciona diferente do jornalismo científico.

Nas cartilhas digitais, veremos que não é comum lermos, como no JC, formulações como *Segundo os cientistas, o Coronavírus é o vírus que causa a doença classificada como COVID-19* e sim formulações como *Coronavírus é o vírus que causa a doença classificada como COVID-19*. No intradiscurso, a fonte do conhecimento científico, deslocado como informação, é apagada. Por fim, pela ordem do discurso científico, há, em certa medida, um apagamento do político, como descreverei na análise. Apagamento esse que é regular no

⁶ Disponível em: <https://www.metropoles.com/saude/covid-novos-anticorpos-neutralizantes>. Acesso em: 30 mar. 2024.



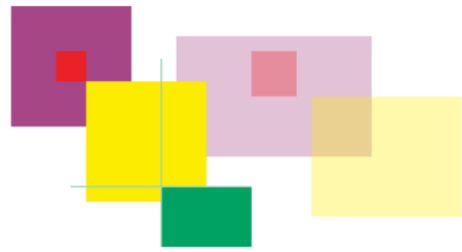
funcionamento da DC, conforme Silva e Pfeiffer (2014), e nas cartilhas digitais, como discuti em Menezes (2023b).

Informação, compartilhamento e checagem

Ao analisar infográficos, Nunes (2012) discute que o discurso sobre a informação assume uma forma instrumental e utilitarista que determina os modos do que seja informar alguém de alguma coisa. Segundo a autora, essa forma instrumental é reiterada no discurso do infográfico. Nunes (2012, p. 31) reflete também que os discursos⁷ sobre a informação assumem algumas formas cristalizadas no imaginário social: “Informação sempre! Informação acima de tudo! A informação que você precisa em um só lugar! Todo mundo precisa de informação! É só clicar e informar-se!”. Esses enunciados parecem ser atravessados pela mesma rede de sentidos de formulações que já mencionei anteriormente, como *Informação salva vidas!* e *A informação é a melhor forma de prevenção*. Uma rede de sentidos em que informação é significada como necessária e acessível.

A primeira cartilha digital que exponho aqui é da TODXS, uma organização sem fins lucrativos para pessoas LGBTI+. Esse material significa-se como uma ferramenta de impacto social que visa gerar conhecimento e proteção aos leitores durante a pandemia. A TODXS (2020, p. 8) entende que “a discriminação nos cuidados de saúde não se refere apenas a ter serviços de saúde negados”, mas também inclui o contexto da desinformação. Assim, “a informação correta e sem discriminação representa uma poderosa ferramenta para a construção de um mundo com zero discriminação” (TODXS, 2020, p. 8). Esses trechos parecem indicar um discurso sobre informação em relação à discriminação. A informação comparece como uma ferramenta, o que, de modo parafrástico, pode ser dito como *É possível manusear, usar a informação para o combate à discriminação*. Entretanto, não é qualquer informação que contribuirá para um mundo sem discriminação, mas aquela que é significada como correta.

⁷ Na Análise de Discurso materialista, “o *discurso* deve ser tomado como um conceito que não se confunde nem com o discurso empírico sustentado por um sujeito nem com o texto, um conceito que estoura qualquer concepção comunicacional da linguagem” (Maldidier, 2017, p. 22, grifo da autora). Com Pêcheux (2014b), tomo *discurso* pela relação entre língua e ideologia. A língua é a base material do discurso que, por sua vez, é onde a ideologia é materializada.

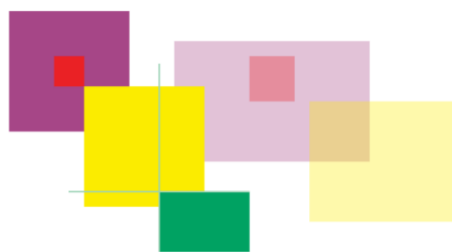


As cartilhas orientam, então, que as informações devem ser compartilhadas. No material *Mulheres na COVID-19*, a Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres (2020, p. 20) formula: “Gostou do material? Compartilhe!”. Na cartilha da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, comparece “Compartilhe essa cartilha para que ela seja um instrumento de aprendizado para a população. Disseminar conhecimento ajuda a combater o preconceito!” (Gomes *et al.*, 2020, p. 29). O que parece estar em jogo é uma tentativa de interpelar o leitor em uma posição-sujeito responsável não apenas em se informar de modo adequado, como também em compartilhar o que ler. Interpelação é aquilo que Althusser (2022) denomina como operação em que toda ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos. Pêcheux (2014b) postula que, pela ideologia e pelo inconsciente, o funcionamento ideológico funciona por evidências. Dito de outro modo, e em batimento com os trechos acima, o leitor da cartilha, ao ser interpelado para se informar e compartilhar, age de modo inconsciente, como se essa ação fosse originária de si.

Além disso, no arquivo, ou seja, em diferentes cartilhas, comparece uma preocupação com as informações falsas. Em *Já sabe o que fazer para se proteger do novo coronavírus? Se liga*, do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (2020, n.p.), é formulado “não compartilhe informações duvidosas ou de fontes desconhecidas!”. Na cartilha já citada da Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres (2020, p. 38): “Vale reforçar e compreender: não compartilhe notícias falsas, alarmantes e imagens de pessoas doentes ou falecidas”. E também na cartilha *Se liga! Orientações para adolescentes sobre a COVID-19*: “E lembre-se: agora, mais do que nunca, precisamos refletir se o que compartilhamos ou dizemos pode prejudicar os outros. Seja gentil! Toda essa vivência ficará marcada em nós. Portanto, pense no que pode fazer hoje e faça a sua parte” (Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte, 2021, p. 20).

Essas formulações, entretanto, não produzem um estranhamento (Ernst-Pereira, 2009), já que, considerando nossas condições de produção políticas e sociais, o modo como as informações circulam nos meios digitais em nossa formação social capitalista⁸ tem se dado

⁸ Conforme Louis Althusser (1999, p. 42, grifo do autor), “uma formação social, designa toda ‘sociedade concreta’ historicamente existente, e que é *individualizada*, portanto, distinta de suas contemporâneas e de seu próprio passado, pelo modo de produção que domina aí. É assim que se pode falar das formações sociais ditas ‘primitivas’, da formação escravista, da formação social francesa de servidão (‘feudal’), da formação social francesa capitalista, de tal formação social ‘socialista’ (em vias de transição para o socialismo), etc.”.



entre o embate entre aquilo que é fato e aquilo que é falso ou dissimulado. A interpelação ao leitor ocorre em vista de responsabilizá-lo também ao combate às informações falsas: “NÃO ACREDITE EM TUDO QUE TE ENVIAM, CHEQUE AS FONTES E NÃO CAIA NAS FAKE NEWS” (Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte, 2021, p. 20) e “Verifique a origem das notícias antes de as compartilhar, mesmo que você as tenha recebido de alguém de sua confiança” (Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres, 2020, p. 38). No funcionamento da cartilha digital em que há relações de determinadas posições (aquele que sabe e ensina e aquele que não sabe e aprende), o processo de interpelação dessa responsabilização produz uma posição-sujeito de cidadão. É um dever moral e cívico checar as fontes das informações antes de compartilhar.

Essa responsabilidade é atribuída tendo em vista as consequências que uma informação falsa pode produzir, pois as ditas *fake news* (*notícias falsas*, no português), assim como as informações dadas como verdadeiras, constituem posições-sujeito. Para ilustrar esse funcionamento, mobilizo Evandra Grigoletto e Helson Silva Sobrinho (2019) que analisam as *fake news* a partir da eleição presidencial de 2018, uma disputa marcada pelo progressista Fernando Haddad e pelo extremista Jair Bolsonaro. O trabalho dos autores tem como objetivo “analisar os efeitos dessa discursividade que se impõe nas mídias sociais produzindo equívocos e fortalecendo, em seu modo de circulação, os interesses dominantes capazes de frear as resistências e as possibilidades de transformações” (Grigoletto e Silva Sobrinho, 2019, p. 100). Com a leitura do trabalho, é possível compreender que a produção das *fake news* ocorre, sobretudo, nas redes sociais, e que, nas condições de produção das eleições de 2018, tratava-se de distorcer e manipular as informações relacionadas à candidatura de Haddad e sua vice Manuela D’Ávila.

Um dos recortes analisados é a montagem circulada nas redes sociais com a foto de Haddad e a formulação *Ao completar 5 anos de idade, a criança passa a ser propriedade do Estado! Cabe a nós decidir se menino será menina e vice-versa! Aos pais cabe acatar nossa decisão respeitosamente! Sabemos o que é melhor para as crianças!*, declaração, conforme Grigoletto e Silva Sobrinho (2019), considerada falsa e vetada pelo Tribunal Superior Eleitoral. Vejamos que, apesar de inverídica, a postagem tinha 150 mil compartilhamentos e, após vetada, recebeu ainda quase 10 mil compartilhamentos. Os autores discutem que esse compartilhamento em massa produz “um efeito de verdade pela repetibilidade, isto é, o grande número de compartilhamentos acabou por provocar nos sujeitos uma adesão àquilo que



queriam acreditar” (Grigolletto e Silva Sobrinho, 2019, p. 108). Diria, então, que as *fake news* constituíram posições-sujeito que, nas condições de produção das eleições de 2018, tiveram impacto na decisão presidencial do país. É por esse efeito de impacto que as cartilhas aqui analisadas marcam a necessidade de checar as informações lidas.

Tomando as condições de produção das cartilhas sobre a COVID-19, é possível elencar alguns enunciados: 1) *A vacina contra a Covid-19 vai modificar o DNA dos seres humanos*⁹; 2) *Vacina tem como objetivo matar seres humanos*¹⁰; 3) *Vacinas contra a Covid-19 estão relacionados à transmissão de HIV*¹¹ e 4) *Tratamento precoce poderia ter evitado mortes por Covid-19*¹². Tais formulações são alguns exemplos de *fake news* que foram compartilhadas de modo recorrente durante e depois da pandemia do Coronavírus. Segundo Guilherme Adorno e Juliana da Silveira (2019), esse tipo de compartilhamento é lido como um efeito-rumor. É “um modo de fazer parte do processo de construção dos sentidos ainda não estabilizados, ou buscando desestabilizar versões advindas de campos hegemônicos, como o midiático ou a política” (Adorno e Silveira, 2019, p. 210, grifos meus). De acordo com os autores:

Pensar a prática de compartilhamento como efeito-rumor pode, portanto, possibilitar irmos além da relação com a noção de informação em contraposição com os rumores. Por isso propomos a noção de efeito-rumor (SILVEIRA, 2015) como necessariamente distinta e apartada da noção de informação, porque a prática de compartilhamento normatiza a relação dos sujeitos com a informação, mas também abre possibilidades para a partilha ou o compartilhar de sentidos outros, um modo outro de enlaçamento social. Possibilidade de circulação de discursos que (des)informam, não porque espalham boatos, mentiras, falsas notícias ou rumores, mas porque dão outra forma aos dizeres (Adorno e Silveira, 2019, p. 212).

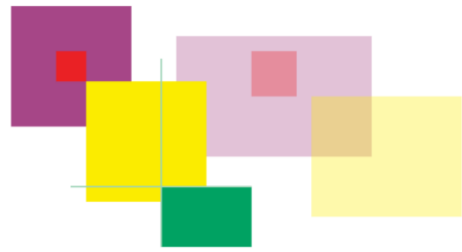
Em suma, as notícias falsas têm a capacidade de tornar certos sentidos como logicamente estabilizados em nossa formação social, e isso produz posições-sujeito. Mesmo

⁹ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-53795050>. Acesso em: 09 abr. 2024.

¹⁰ Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/47416/Conheça6FakeNewsVacinasCovid19.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 09 abr. 2024.

¹¹ Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/junho/e-falso-que-vacinas-contragripe-e-covid-19-causem-doencas-ministerio-da-saude-alerta-sobre-noticias-mentirosas-contravacinacao>. Acesso em: 09 abr. 2024.

¹² Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-fato-fake>. Acesso em: 09 abr. 2024. <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-fato-fake>

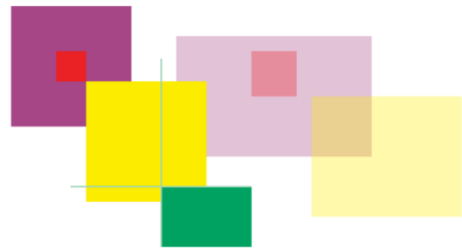


que instituições como a Organização Mundial de Saúde ou o Ministério da Saúde declarem certos enunciados sobre a COVID-19 como falsos, isso não garante que os sujeitos não sejam inscritos em formações discursivas¹³ que se identificam com a demonização das vacinas, por exemplo.

O que trago aqui em relação a isso me lembra a leitura analítica que Barbosa Filho (2019; 2023) faz sobre o funcionamento discursivo do rumor a partir da Bahia oitocentista. Em Barbosa Filho (2023), o autor teoriza o rumor enquanto um acontecimento, pois um acontecimento não necessita de um fato histórico. Entretanto, mesmo não sendo uma verdade factual, o rumor produz efeitos para além da imaginação. Nesse trabalho, mas também em Barbosa Filho (2019), o autor apresenta que, um dia após a revolta dos malês, dois africanos foram mortos por serem considerados suspeitos por um grupo de comerciantes armados. Nesse contexto, os negros eram vitimizados pelas conspirações sem fim. É desse modo que penso que a disseminação de informações falsas, assim como o rumor, produz efeitos, pois tem história, produz sentidos e constitui posições-sujeito. Pode produzir, igualmente, angústia e tragédia. E é aí que as cartilhas interpelam os leitores para que não compartilhem informações e notícias antes da checagem de fontes. Uma informação falsa pode custar vidas.

Para além dos discursos sobre a informação e a interpelação ao compartilhamento de informações verdadeiras, destaco também o modo como as informações são formuladas, o que permite compreender o funcionamento da cartilha digital como uma forma material. Para isso, retomo o que apresentei em relação à divulgação científica a partir de Authier-Revuz (1998). Uma relação entre a divulgação científica e o jornalismo científico é construída pela disseminação do conhecimento científico para um público não-especializado. Nesse sentido, Authier-Revuz (1998) entende que há uma tradução e uma reformulação de um discurso dos cientistas para esse público, como se fossem duas línguas diferentes. Haveria, assim, operações de tradução, e aqui mobilizo, mais uma vez, a autora: “X disse/acaba de dizer/diz que os genes são...” (Authier-Revuz, 1998, p. 110). Essas formulações desse tipo são

¹³ Formação discursiva é “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o *que pode e deve ser dito*” (Pêcheux, 2014b, p. 147, grifos do autor).



entendidas como heterogeneidade mostrada marcada¹⁴ em que o X disse/acaba de dizer/diz funciona como marca explícita da heterogeneidade de dois discursos, o científico e o jornalístico. A seguir, elenco algumas Sequências Discursivas (SDs)¹⁵:

SD 1: O Coronavírus é o vírus que causa a doença classificada como COVID-19, ele é transmitido de uma pessoa infectada para outra pelo contato próximo (gotículas de saliva, espirro, tosse), por meio de toque (como aperto de mão) ou por objetos e superfícies contaminadas (Secretaria Municipal da Saúde de Salvador, 2020, p. 2, grifos meus).

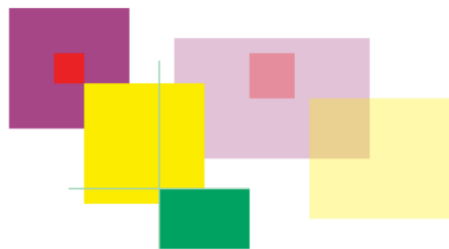
SD 2: Os sintomas do Covid-19 geralmente são leves, semelhantes aos de uma gripe comum. Mas a doença pode se agravar em algumas pessoas (Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2020, n.p., grifos meus).

SD 3: O vírus SARS-CoV 2 faz parte da família Coronaviridae. Recebeu esse nome porque seu formato parece uma coroa. Isto acontece por causa das proteínas que estão presentes em seu envelope (Fiocruz, 2020, n.p., grifos meus).

Na SD 1, a cartilha da Secretaria Municipal da Saúde de Salvador define o Coronavírus como um vírus que causa a doença COVID-19, que pode ser transmitida por alguém infectado a partir do contato direto. Na SD 2, o material do extinto Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos descreve os sintomas da COVID-19 como leves, como os de uma gripe comum, mas que pode ser grave em algumas pessoas. Na última SD, a cartilha da Fiocruz – Paraná apresenta a COVID-19 a partir do seu nome científico, SARS-CoV 2, que faz parte da família *Coronaviridae*, e justifica o nome atribuído ao vírus: é pelo seu formato semelhante a uma coroa. Diante dessas três SDs, e considerando o que apresentei anteriormente sobre a divulgação científica e a heterogeneidade mostrada marcada, é possível identificar elipses, as

¹⁴ A autora diferencia heterogeneidade mostrada marcada e não marcada. A primeira, que mobilizo neste texto, abarca os enunciados que apontam de modo explícito a heterogeneidade discursiva (o atravessamento do outro no discurso), como um discurso direto (*Ele disse X*). A segunda trata-se de uma heterogeneidade não explícita, como o uso de glosas e aspas.

¹⁵ O que rege uma análise discursiva é a compreensão de que “só é possível dar visibilidade ao processo discursivo colocando várias sequências em relação” (Pêcheux (2015a, p. 167). Até aqui relacionei diferentes formulações de diferentes cartilhas sem chamá-las de sequências discursivas. Denomino os três seguintes destaques desse modo apenas por questão de organização textual.



quais poderiam fundamentar e referenciar as informações apresentadas aos leitores. Vejamos:

SD 1: Ø O Coronavírus é o vírus que causa a doença classificada como COVID-19.

SD 1.1: Segundo os cientistas da Universidade X, o Coronavírus é o vírus que causa a doença classificada como COVID-19.

SD 2: Ø Os sintomas do Covid-19 geralmente são leves, semelhantes aos de uma gripe comum.

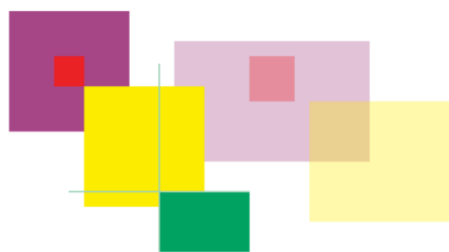
SD 2.1: De acordo com as pesquisas do Instituto Y, os sintomas do Covid-19 geralmente são leves, semelhantes aos de uma gripe comum.

SD 3: Ø O vírus SARS-CoV 2 faz parte da família Coronaviridae.

SD 3.1: Conforme os pesquisadores do Instituto W, o vírus SARS-CoV 2 faz parte da família Coronaviridae.

Se, por um lado, as SDs 1, 2 e 3 textualizam informações científicas em relação ao Coronavírus, por outro lado, as SDs 1.1, 2.1 e 3.1 indicam que há algo da ordem da falta, levando em conta a necessidade de marcas explícitas para uma heterogeneidade mostrada marcada, conforme Authier-Revuz (1998) atribui ao funcionamento da divulgação científica. Entretanto, ao meu ver, essa falta não deixa de deslocar o conhecimento científico para a informação científica. Assim como o jornalismo científico, a cartilha digital noticia a produção científica, mas de um modo diferente, uma vez que é silenciado por quem esse conhecimento científico, deslocado aqui como informação científica, foi produzido. As elipses são sintáticas, mas não são elipses discursivas, pois, como bem aponto com as SDs 1.1, 2.1 e 3.1, os enunciados podem ser remetidos a um discurso científico. E, desse modo, a cartilha digital funciona enquanto DC.

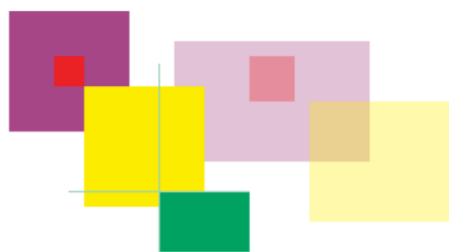
Tomando, então, esse funcionamento de discurso científico, analiso as formulações *O Coronavírus é o vírus que causa a doença classificada como COVID-19*, *Os sintomas do Covid-19 geralmente são leves, semelhantes aos de uma gripe comum* e *O vírus SARS-CoV 2 faz parte da família Coronaviridae*, que acredito poder ser parafraseada em *O vírus SARS-CoV 2 é da família Coronaviridae*. Os destaques do verbo ser, conjugado nas formas irregulares *é* e *são*, parecem produzir um efeito de sentido estável, o que lembra as reflexões de Pêcheux (2015b, p. 27): são “proposições de aparência logicamente estável, suscetíveis de respostas unívocas (é sim ou não, é x ou y etc.) e formulações irremediavelmente equívocas”. Nesse funcionamento, as cartilhas significam a COVID-19 enquanto doença, a partir dos sintomas e em relação à família do vírus *Coronaviridae*.



Isso aponta para uma regularidade da divulgação científica. A partir de Silva e Pfeiffer (2014), é possível compreender que, na DC, há, quase sempre, o apagamento político daquilo que se ensina e divulga. Na DC, o político pode ser quase apagado, evidenciado e atenuado (Autor, 2023b). Dizer *Coronavírus é o vírus que causa a doença classificada como COVID-19* é diferente de dizer *Coronavírus é um vírus que mata mais pobres que ricos*: “Apesar de haver muitas pessoas infectadas nos bairros ricos, poucas morrem; as mortes são mais numerosas em bairros populares, conjuntos habitacionais e favelas, enfim, no que chamamos de ‘periferias’” (Martins, 2020, p. 1). Assim como discute Nunes (2008) sobre o jornalismo científico, a primeira formulação indica que o que há é informação e não um espaço de problematizar os conhecimentos através da ciência.

Por fim, trago aqui uma reflexão que coopera para distinção entre as cartilhas impressas e digitais, levando em conta as análises que Nunes (2012) produz em relação ao infográfico. Segundo a autora, “a infografia impressa conta com formas significantes tais como texto, gráfico, ilustração, mapa e foto, já no formato eletrônico-digital são incorporados, além das formas do impresso, o vídeo, o áudio e a animação” (Nunes, 2012, p. 108). Esse trecho instigou-me a pensar as diferenças das cartilhas nesses distintos modos de circulação. Entre o impresso e o digital, o que me pareceu significativo é a possibilidade de endereçar páginas da Internet, direcionando o leitor para outro ambiente virtual, como em: “Quer saber mais? Confere esse link: <https://www.amcham.com.br/noticias/sustentabilidade/genero-raca-lgbt-e-pcd-como-lidar-e-somar-as-diferentes-nuances-da-diversidade>” (Gomes *et al.*, 2020, p. 9) e “Saiba mais em: coronavirus.saude.gov.br” (Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres, 2020, p. 10). Além disso, na circulação digital, uma cartilha pode ser compartilhada com outros possíveis leitores.

Há, assim, a formulação de um *quer saber mais?*, *saiba mais* e *confere esse link* que aponta que a informação não se esgota nas breves páginas de uma determinada cartilha. Nunes (2012, p. 33) nos diz que “a falta (de informações) constitutiva do sujeito seria necessária a produção de informação em larga escala, de diferentes maneiras para ‘suturar’ a falta que constitui o sujeito”. Há sempre mais o que se ensinar e o que se aprender. Desse modo, “a relação circular entre excesso e falta se constitui nas condições de produção da sociedade capitalista estruturada pelo consumo, ficando a informação significada como mercadoria, nesse processo” (Nunes, 2012, p. 33). Em outras palavras, isso é “um efeito da ideologia capitalista na conjuntura da mundialização com suas possibilidades oferecidas ao



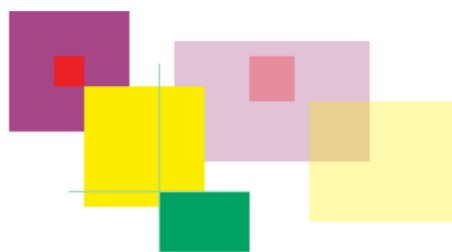
consumidor” (Orlandi, 2017, p. 25). Os gestos de análise empreendidos neste estudo indicam como há uma evidência da necessidade de informação para que a discriminação seja combatida. Isso significa também compartilhar tais informações com o cuidado de não disseminar informações falsas. Por ser a informação um produto, uma mercadoria, as cartilhas constituem, então, os leitores, sujeitos do capitalismo, em sujeito do conhecimento, sujeito à ciência (Orlandi, 2022).

Considerações finais

Neste texto, debrucei no funcionamento discursivo da cartilha digital sobre a COVID-19 enquanto divulgação científica. O que possibilitou a entrada nessa questão foi o excesso intradiscursivo acerca da informação, significada como necessária para o leitor e para o fim da discriminação na saúde. Não é, entretanto, qualquer informação, mas sim uma significada como verdadeira em contraponto com as *fake news*. *A informação é a melhor forma de prevenção*. Ao mesmo tempo em que as cartilhas orientam que o leitor compartilhe as informações, há também a constituição de uma posição-sujeito que combate as *fake news*. *É preciso se informar e compartilhar a informação correta*.

É um discurso que significa a informação como necessária para um determinado leitor, necessária para uma vida social, o que caracteriza a cartilha digital como um instrumento regulatório da vida em sociedade (Silva, 2014). São *coisas-a-saber* (Pêcheux, 2015b), ou seja, “conhecimentos que constituem o sujeito, que o interpelam, que o inscrevem numa dada formação social e sem os quais sua existência pragmática é ameaçada” (Esteves, 2014, p. 48). E isso funciona pela ideologia. É o funcionamento ideológico que nos diz, que nos interpela em relação à necessidade da informação. É um discurso da necessidade (Baalbaki, 2014).

Por fim, nesta pesquisa, analisar o modo como as orientações são formuladas abriu margem para considerar o discurso de divulgação científica. Apesar de Authier-Revuz (1988) considerar a DC apenas pelas marcas explícitas de um *X disse/acaba de dizer/diz*, os gestos de análise proporcionaram compreender que as cartilhas, mesmo silenciando quem produz os conhecimentos científicos, são atravessadas pela discursividade científica. Ademais, os sentidos de Coronavírus, por exemplo, são formulados como se fossem unívocos a partir de formulações como *O Coronavírus é um vírus que causa a doença COVID-19*, apagando,



inclusive, sentidos políticos como *O Coronavírus é um vírus que mata mais pobres que ricos*. Assim, as análises apontaram o apagamento da fonte do conhecimento científico e a mobilização dos sentidos como unívocos.

Referências bibliográficas

ADORNO, Guilherme; SILVEIRA, Juliana da. Pós-verdade e fake news: equívocos do político na materialidade digital. In: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; DA SILVA SOBRINHO, Helson Flávio (Orgs.). **Sujeito, sentido, resistência: entre a arte e o digital**. Campinas: Pontes Editores, 2019, p. 201-218.

ALTHUSSER, Louis. **Sobre a reprodução**. Petrópolis: Vozes, 1999.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 14. ed. Rio de Janeiro, 2022.

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014, 3 ed.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. A encenação da comunicação no discurso de divulgação científica. In: AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Campinas: Editora Unicamp, 1998.

BAALBAKI, Angela C. F. A divulgação científica e o discurso da necessidade. **Letras**, [S. l.], n. 48, p. 379–396, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/14445>. Acesso em: 30 mar. 2024.

BARBOSA FILHO, Fábio R. Ler o arquivo em análise de discurso: observações sobre o alienismo brasileiro. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 64, n. 00, p. e022007, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8664658>. Acesso em: 29 mar. 2023.

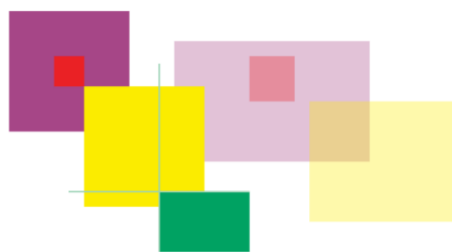
ERNST-PEREIRA, Aracy. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo. **Anais do IV SEAD: Seminário de Estudos em Análise do Discurso**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2024.

ESTEVES, Phellipe Marcel da Silva. **O que se pode e se deve comer: uma leitura discursiva sobre sujeito e alimentação nas enciclopédias brasileiras (1863-1973)**. 2014. Tese (Doutorado) – Curso de Estudos de Linguagem, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

FIOCRUZ. COVID-19, 2020. Disponível em: <https://www.icc.fiocruz.br/extensaodivulgacaocientifica/cartilha-covid-2/>. Acesso em: 15 abr. 2024.

GOMES, G. A. et al. **Saúde da população LGBT no contexto da pandemia de COVID-19**. Porto Alegre: PUCRS, 2020.

GRIGOLETTO, Evandra; SILVA SOBRINHO, H. F. DA. FAKE NEWS: DISCREPÂNCIA DE SENTIDOS E EFEITOS SOBRE AS RESISTÊNCIAS. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 30, n.



59, p. 97-113, 21 dez. 2019. Disponível:
<https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/44080>. Acesso em: 09 abr. 2024.

GUIMARÃES, Eduardo. Linguagem e Conhecimento: Produção e Circulação da Ciência. **Revista do Laboratório de Estudos Urbanos - RUA** [online], Campinas, 2009, n. 15, v. 2, p. 5-15. Disponível em:
<https://www.labeurb.unicamp.br/rua/anteriores/pages/home/lerArtigo.rua?pdf=1&id=75>. Acesso em: 30 mar. 2024.

MALDIDIÉ, Denise. **A inquietação do discurso**: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Campinas: Pontes Editores, 2017.

MENEZES, Marcus. **Saberes Metalingüísticos em uma Cartilha de Pedagogização Antirracista**. Porto das Letras, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 195–215, 2023b. DOI: 10.20873.239208. Disponível em:
<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/16964>. Acesso em: 01 jun. 2024.

MENEZES, Marcus. O político em apagamento, evidência e atenuação: relações entre raça, classe e gênero em cartilhas que tematizam o Coronavírus para a população LGBTQ+. **Revista Heterotópica**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 212–224, 2023a. DOI: 10.14393/HTP-v5n2-2023-70288. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/70288>. Acesso em: 01 jun. 2024.

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS. Já sabe o que fazer para se proteger do novo coronavírus? **Se liga**, 2020. Disponível em:
https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/abril/Corona_banner_LGBT.pdf. Acesso em: 09 abr. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Tem dúvidas sobre o coronavírus? O Ministério da Saúde te responde!**, 2020. Disponível em: https://www.gov.br/agricultura/pt-br/canais_atendimento/ouvidoria/documentos/cartilha-coronavirus-informacoes.pdf. Acesso em: 29 mar. 2024.

NUNES, Silvia Regina. Efeitos metafóricos no discurso de divulgação científica. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos (Orgs.). **Múltiplas perspectivas em Linguística**. Uberlândia: EDUFU, 2008, p. 2808-2819.

NUNES, Silvia Regina. **A geometrização do dizer no discurso do infográfico**. 2012. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

ORLANDI, Eni. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Revista Em Aberto**, Brasília, v. 14, n. 61, 1994, p. 52-59. Disponível em:
<http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2250>. Acesso em: 29 mar. 2024.

ORLANDI, Eni. Discurso e leitura. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ORLANDI, Eni. **Discurso em Análise**: Sujeito, Sentido e Ideologia. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, Eni. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. 5. ed. Campinas: Pontes, 2022.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 2014a, p. 57-68.



PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014b.

PÊCHEUX, Michel. **Análise de Discurso**: textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2015a.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 7. ed. Campinas: Pontes, 2015b.

SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES. **Mulheres na COVID-19**, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/abril/cartilha-orienta-mulheres-durante-a-pandemia-do-coronavirus/MulheresCOVID19.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2024.

SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DE BELO HORIZONTE. **Se liga!** Orientações para adolescentes sobre a COVID-19, 2021. Disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/saude/2021/anexo_as-123_orientacoes_adolescentes_novo_coronavirus.pdf. Acesso em: 09 abr. 2024.

SILVA, Mariza Vieira da. As cartilhas na sociedade do conhecimento. **Entremeios**: revista de estudos do discurso, Pouso Alegre, 2014, n. 8, p. 1-13. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br/published/160.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2024.

SILVA, Mariza Vieira da; PFEIFFER, Claudia Castellanos. Pedagogização do espaço urbano. **Revista do Laboratório de Estudos Urbanos - RUA** [online], Campinas, 2014, Edição Especial, p. 87-109. Disponível em: https://www.labeurb.unicamp.br/rua/artigo/verpdf?publicacao_id=6. Acesso em: 29 mar. 2024.

TODXS. **Cartilha de Saúde LGBTI+**: políticas, instituições e saúde em tempos de COVID-19, 2020. Disponível em: <https://todxs-site.s3.amazonaws.com/cartilha-de-saude-LGBTI%2B-politicas-instituicoes-e-saude-em-tempos-de-COVID-19.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2024.

Submissão: 24/04/2024

Aceite: 24/06/2024